



A estatua da Historia, no fumulo de Oliveira Martins. (Admiravel esculptura de Teixeira Lopes).

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela*

DIRECTOR

*Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semansal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado

acresce o importe das despesas

Extrangeiro — Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Daftas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os clérigos levs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este conc. de subsidio na doença, suspensão e falta de collocção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conficiencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

*Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

José Agostinho

## MEZ DE MARIA

Approvado e recommendado pelos Ex.<sup>mos</sup> Rev.<sup>mos</sup>  
Snrs D. Antonio, Bispo do Porto; D. Antonio,  
Patriarcha de Lisboa; D. Antonio, Bispo de Vi-  
zeu; D. Manuel, Arcebispo Bispo da Guarda.

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1 bello volume de 380 paginas,  
nitidamente impresso, 600 réis.

**COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA**  
PORTO

Pedido aos depositarios geraes : *Livraria Magalhães & Moniz*, 11, Largo dos Loyos, 14. *Livraria Lopes & C.<sup>a</sup>*, 123, Rua do Almada.

Peçam o nosso Catalogo d'Obras Religiosas.

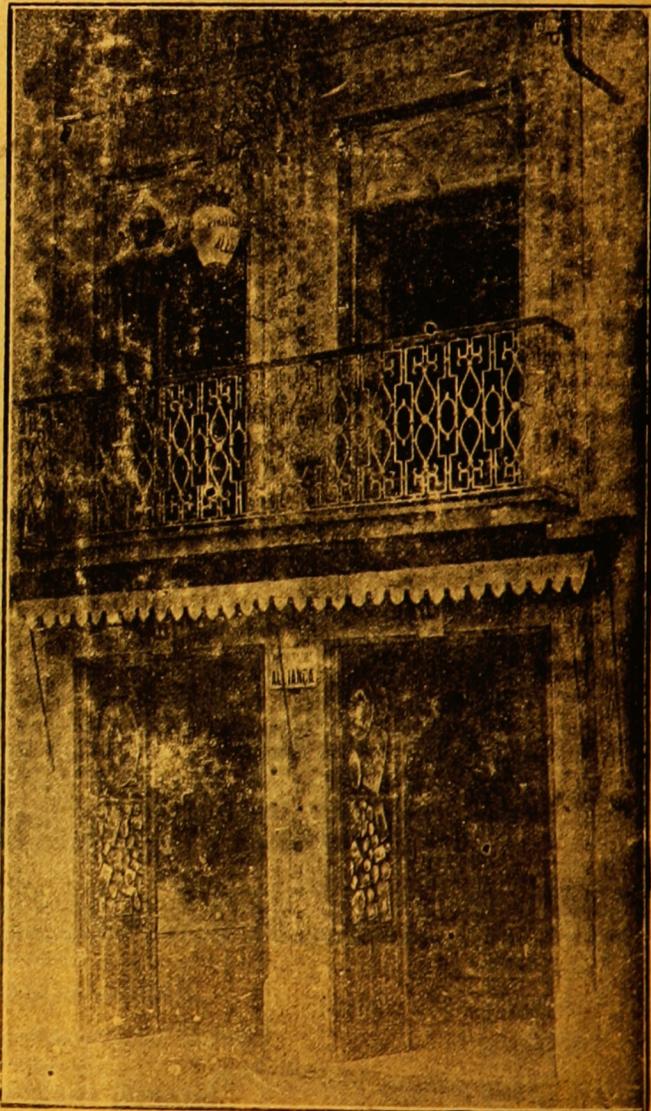
## Collegio de S. Thomaz d'Aquino **BRAGA**

**Fundado em 1896**

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria..



**PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA**

44. Praça Alexandre Herculano, 45

**BRAGA**



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

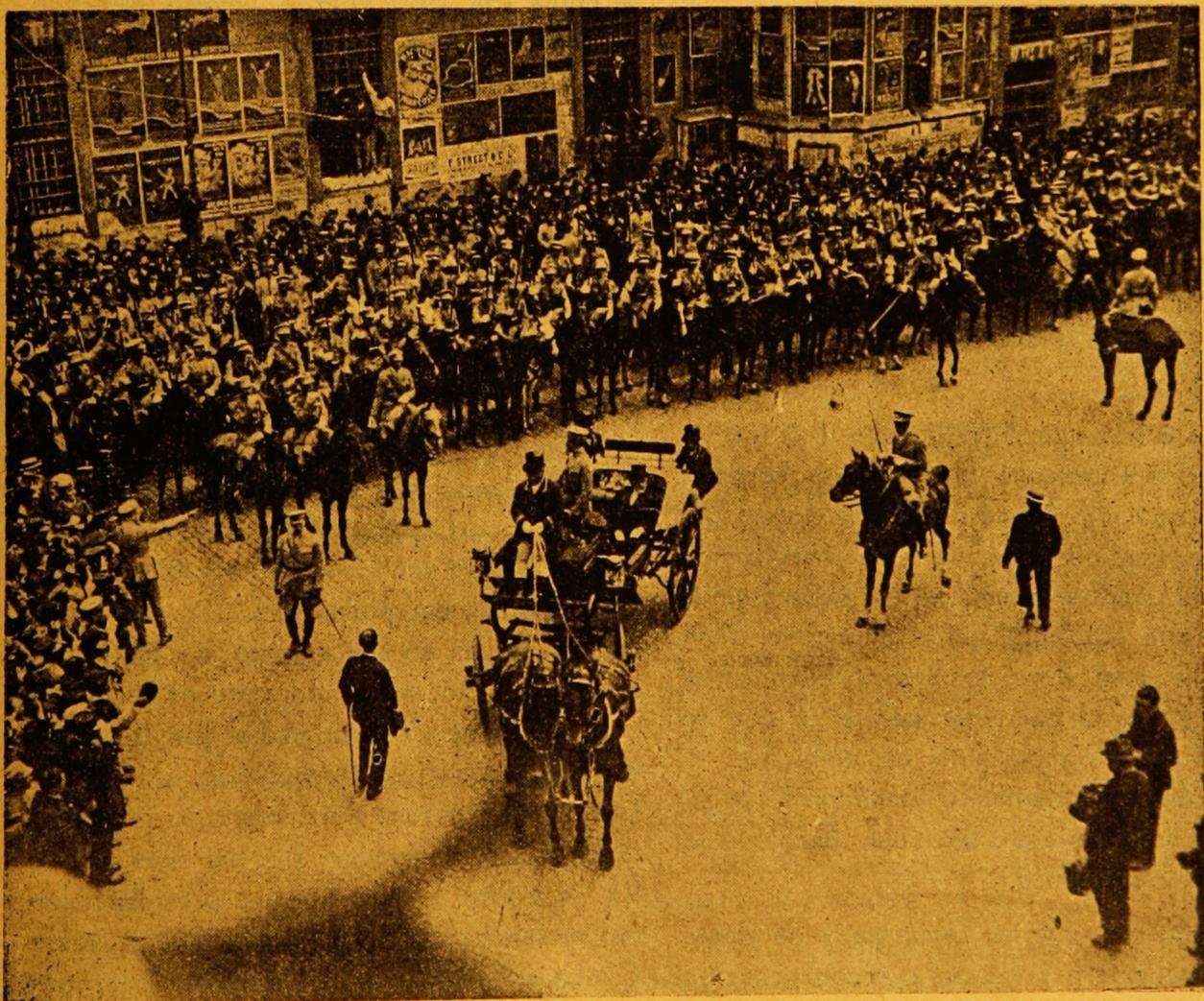
Proprietario, Joaquim A. Pareira Villala. Director, Dr. F. de Souza Gomes Vellos

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 25 de Maio de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 256—Anno V



PROCLAMAÇÃO DO CHEFE DE ESTADO NO DIA 10 DO CORRENTE.

Chegada do Snr. Presidente da Republica á Camara Municipal

# Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

A semana

**Q**UEM vive da politica vive de surpresas. Todos nós temos um pouco de medicos e de *Bandarras*, mas no estado tumultuoso a que a politica chegou, são baldadas todas as prophcias.

Quem diria, ha tempos, olhando a sofreguidão com que o sr. Sidonio Paes pretendia arrancar ao eleitorado um parlamento adrede, que talhasse sem replica, o seu presidencialismo salvador, e que eleito esse parlamento, sua Ex.<sup>a</sup> *presidencialisaria* muito americanamente, (já agora é a *scie*) o ministerio, mascarando os ministros em secretarios d'estado, e cortando e recortando a seu talante, codigos e leis! E para isto serviram as eleições. É certo que de positivo ha já o reconhecimento simultaneo das nações alliadas e neutras, mas evidentemente um reconhecimento é muito especial, pois a nota comminatoria dos diplomatas acreditados em Lisboa, limita-se a reconhecer o presidente.

Isto é bastante decerto para esmagar a derradeira esperança do capanga cordeal, para arrancar a ultima illusão, á demagogia vencida, mas não é insufficiente á segurança nacional. Andou-se um pouco depressa. A diplomacia sidonista, pode ufanar-se d'um triumpho, mas deve tambem penitenciar-se d'uma *gaffe*. O que seria natural é que se calmassem por momentos as ambições, e, convocado o parlamento constituinte, se fizesse votar o estatuto nacional, definindo o caracter do regimen.

Então sim, que os *Tayllerands* se deveriam mecher e o provocar o reconhecimento das potencias, que seria a consagração internacional do novo systema politico, que a revolução de Dezembro implantou. N'esse

momento a republica nova poderia embandeirar em arco e o sr. Sidonio Paes com a sua farda estrellada de Presidente e o seu ar messianico de salvador, cavalgaria mais uma vez em parada d'honra, desde o Rocio á Rotunda, segundo dizem, entre fervorosas acclamações. Mas como tudo anda ás avessas, reconheceu-se primeiro o presidente, para quem de perto vão d'este momento as sympathias nacionaes, não precisamente por ser a mais qualificada figura da republica nova mas, porque foi o homem forte, que esmagou a demagogia tyrannisadora. E não se illuda sua Ex.<sup>a</sup> com o viverio frenetico das multidões em delirio, porque o paiz não ama tambem a sua republica. Detestava a outra que semeou a fome, a desgraça, a ruina, por todos os lares, odiava-a pelos seus crimes, pelos seus latrocinios, pelo seu desvairamento, e suporta agora, até que melhor sorte venha, este vagido presidencialista, que se não garante os destinos de Portugal, garante pelo menos as costas dos portuguezes. Emquanto trilhar esse caminho, emquanto não esquecer a manhã libertadora da Rotunda, sua Ex.<sup>a</sup> tem direito á gratidão dos portuguezes. Tem. Mas mais nada. Não se enleve sonhando na nova Casa Branca de Belem, em phantasias, em aventuras, nem dê largas ao seu espirito de mathematico astronomico, buscando entre as constellações do espaço o luzir acolhedor d'alguma estrella bemfazeja... Porque o sr. dr. Sidonio Paes, não é para o paiz, repito, o presidente, o chefe, o salvador, o semi-deus... Sua Ex.<sup>a</sup> é e será sempre no seu presidencialismo messianico, como pittorescamente disse Cunha e Costa — um pára-raios. É foi por isso que elle votou no seu nome; e foi ainda por issó, que o paiz o elegeu. O que elle não teve foi espirito para lh'o dizer.

# SERÕES AMENOS

XXXVI

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
BORESSO DA FALPERRA.

## Regimento do janota

**P**ARA comparar com os conselhos do tio ao sobrinho no seculo XVIII, aqui estão os promettidos conselhos dados no seculo XIX. São o *Regimento do Janota*, que vem no interessante livrinho *muita parra* e pouca uva de Francisco Gomes de Amorim.

O tio, com o seu codigo de preceitos a serio, formava de certo homens de bem. Os janotas descritos neste codigo leram por outra cartilha. Francisco Gomes de Amorim imaginou os preceitos, mas os janotas que os seguem è que não são imaginarios: existem, e abundam.

I. Quando te offerecerem charutos, não escolhas, nunca, para evitar que por delicadeza tires o peor.

II. Se te encontrares com algum amigo, useiro em pedir dinheiro emprestado, anticipa-te a pedir-lh'o a elle.

III. A boa educação manda que te apeies primeiro da carruagem em que vaes com o teu amigo, para lhe dares a mão quando elle descer. Segue este uso amavel, porque se no entretanto os cavallos partirem, em consequencia de se ter apeado tambem o cocheiro, o perigo será só para quem ficar dentro.

IV. Se caires alguma vez no vicio de te embriagares, que seja ao menos com vinho bom, e alheio.

V. Nos botequins e casas de pasto, onde comeres e beberes em companhia de amigos, fazes signal aos caixeiros de que tu è que pagas a despeza; mas isto só depois que vires alguém dar dinheiro.

VI. Anima as tuas paixões, e reprime as alheias.

VII. Ama o proximo que sustentar a mulher que tu amares.

VIII. Deixa sempre para amanhã o que tiveres que fazer, porque se morreres hoje evitas um dia de trabalho.

IX. Por igual razão, come hoje o melhor bocado que te dê a fortuna.

X. Aos bailes e reuniões em que se misturam chapéus e casacos, leva sempre os peores que tiveres. È provavel que t'os troquem, e assim ganharás sem roubar.

XI. Se alguma vez achares na rua dinheiro ou objectos de valor, não leias durante um mez os annuncios dos jornaes. D'este modo não saberás se houve reclamação, e a tua consciencia ficará tranquilla.

XII. Se algum dos teus amigos escrever uma peça detestavel, applaude-a calorosamente, para que os tolos te julguem sabio, e os sabios te chamem generoso.

XIII. Nunca recuses apertar a mão aos tratantes. A patifaria não se péga, e vale mais ter amigos mãos do que não ter nenhuns.

XIV. Dispensa a amisade dos actores, para que te não passem bilhetes de beneficio.

XV. Convem ter intimidade com os noticiarios. Qualquer que seja a tua parvoice, elles descobrirão o meio de te fazer passar por homem de talento.

XVI. Quando quizeres saber se algum certo sujeito ainda è ministro, repara se elle tira o chapéu áquelles de quem não precisa.

XVII. Nunca digas mal do teu altaiate.

XVIII. Não pagues um par de botas, sem deveres pelo menos, quatro.

XIX. Nunca te deites á agua, para acudir a quem se esteja afogando, sem despires primeiro o casaco, o collete e as calças. Esta salutar demora dar-te-ha tempo de reflectir se haverá probabilidades de salvar a victima, ou de morrer com ella. E nos actos em que se arrisca a vida, nunca deve haver precipitação.

XX. A generosidade è bonita, para effeitos de theatro. Fóra d'ahi, não se deve abusar d'ella.

XXI. Se te chamaram covarde, responde—que tens familia.

XXII. Em negocios de pancadaria, è melhor não dar do que levar.

XXIII. Quando o caso te cheirar a perigo, foge sempre!

XXIV. Fugir não è covardia; è guardar-se a gente para outra vez.

XXV. Não queiras amigos quando tiveres dinheiro, e procura-os quando não o tiveres.

Se então achares algum, serás o mais feliz dos homens.

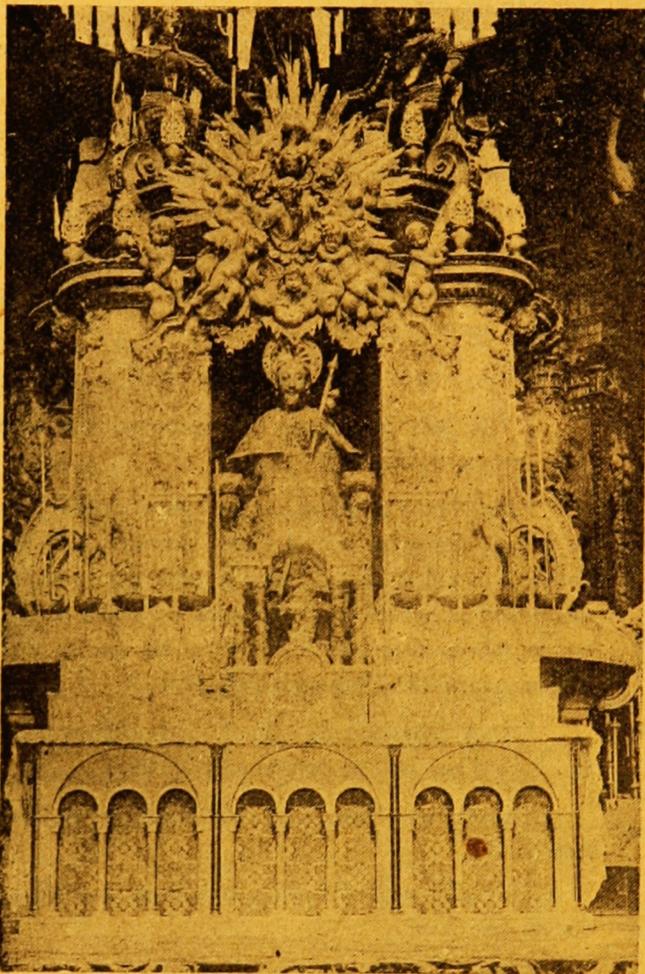
Se caçar a tempo os conselhos de Isocrates não deixarei de respirar alguns, para se ver que apesar de pagão sabia o bom atheniense compôr preceitos bem differentes dos que formam a janotada com que nos vemos agora, após dois seculos de christianismo, pagãos e... grêgos.

# Palestra de arte

## Uma excursão artistica a Santiago de Compostella.



S meus companheiros e eu, depois de ver quasi toda a basilica pensavamos no modo de conseguir visitar a capella das reliquias. Dirigimo-nos á sacristia, interpelamos o primeiro conego que se nos deparou, e com tão boa sorte que demos logo com o Rev. Sr. Conego Martin, exactamente o encarregado do tesouro da cathedral. Sua Ex.<sup>a</sup>, com a proverbial fidalguia hespanhola, poz-se logo á nossa disposição, e assim com tão douto e piedoso guia visitámos o riquissimo tesouro da Sé Compostelana.



Altar Mór

Entrámos primeiro na feia do altar-mor e admiramos de perto a riqueza das lampadas, do retabulo altar, da imagem do Santo. E' ella de pedra, mas revestida toda de prata. Ha um costume antigo de, subindo por uma escada que está detraz do altar, abraçar a figura do Apostolo. Fizemo-lo com santa simplicidade. Dahi fomos ver a cripta, onde se encontra um altar, levantado debaixo de um arco, que o nosso guia disse ser do tempo dos romanos; sobre o altar está uma coixa riquissima de prata onde estão encerradas as reliquias descobertas na invenção feita com a presença do Cardeal Bartolini, ao tempo Monsenhor e delegado pelo S. Padre Leão XIII para fazer o reconhecimento official das mesmas. Ao lado da urna estão alguns restos de cubos de mosaicos antigos e fragmen-

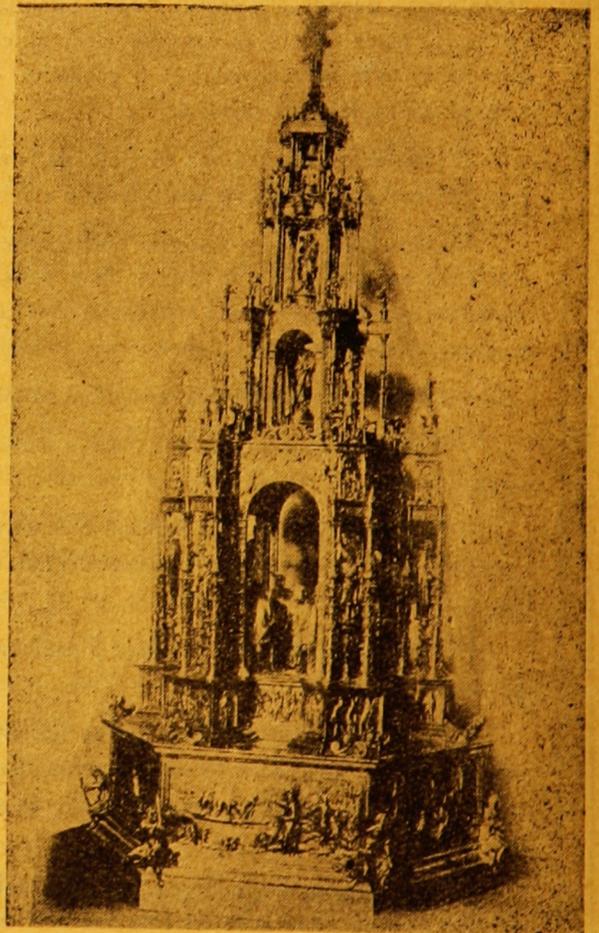
tos de pedras achadas nessa occasião. As mais pedras da construcção romana foram infelizmente alimpadas e polidas pelos operarios, tirando-lhe assim as caracteristicas que servem para se reconhecer a sua autenticidade. A urna foi feita em 1886; é toda de estilo bysantino-românico. Foi lavrada por dois artistas compostelanos os Sres Eduardo Rey e Ricardo Martinez.

Dahi fomos ver a capella das Reliquias. O retabulo do altar é de estilo barocco da decadencia. Ao longo dos muros estão varias sepulturas, entre as quaes a de D. Joanna de Castro, portuguesa, esposa de Pedro o Cruel.

E' impossivel descrever a riqueza dos objectos que estão espostos no altar. Percorramos apenas levemente os que mais nos impressionaram.

O Sr. Conego Martin começa por nos entregar uma lista impressa das reliquias que nos foi mostrando.

Notabilissima é a cruz dos Reis Catholicos, toda de oiro semelhante á celebre Cruz do lo angeles de Oviedo, provavelmente feita com alguma chapa de oiro tomada aos moiros. Não menos notavel a cabeça de Santiago menor, trazida de Braga para a Hespanha por D. Urraca, e offerecida á Cathedral no tempo do Bispo Gelmirez. Este bispo foi um verdadeiro colleccionador de reliquias. Onde maior razia fez, foi em Portugal. Dahi trouxe a bem ou a mal tudo o que pôde. Dahi vieram os restos de S. Fructuoso, bispo de Braga, de St.<sup>a</sup> Susana, dos S. S. Silvestre e Cucufate, martyres portu-



Custodia d'Arte

guezes etc etc. Nas suas correrias bellicas a Portugal o que tinha mais em vista era enriquecer a sua Sé de reliquias de Santos. Curiosos tempos em que a fé levava a laes exageros. Ha tambem no tesouro varios bordados e brocados offerecidos outrora pela Rainha Santa. São trabalhos feitos por suas proprias mãos nos serões em que se entretinham as donas daquelles tempos.

Obra prima de arte, verdadeira joia de ourivesaria, é a custodia do leonês Antonio Arfe, começada pelos annos 1539. As estatuas que a adornam são finissimamente cinzeladas, como são delicadissimos os ornatos, classicas as linhas architectonicas desta perola da Renascença. Curiosissimo é tambem o calix e patena de S. Rosendo, o relicario que contem uma das espinhas da

coroa do Senhor, o em que está encerrado um dente do Apostolo, etc. No livro dos visitantes, onde encontrámos tantos nomes portuguezes estão arquivadas muitas admirações provocadas pela riqueza do tesouro.

Na sacristia tambem existe um pluvial bordado pela Rainha S. Isabel. Ha nella bastantes quadros de valor, alguns delles em cobre.

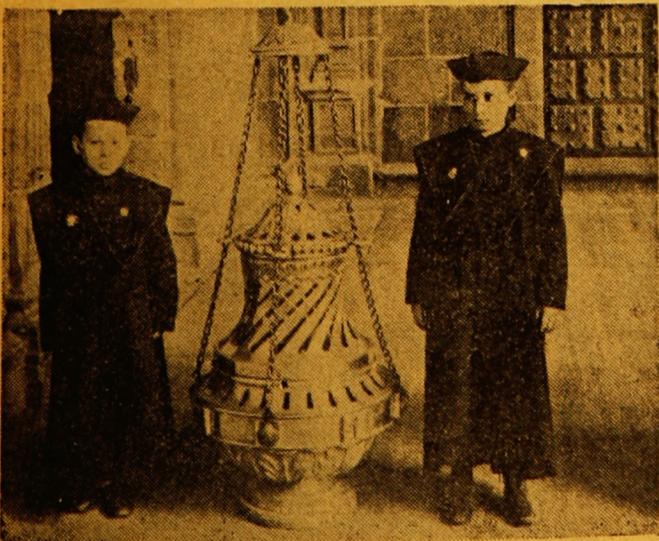
O claustro é formoso, amplo, bem lançado. No pavimento estão as sepulturas dos Conegos. Passa-se por elle para ir á sala capitular e biblioteca.

Lá fomos acompanhados pelo nosso amavel cicerone. Preciosos gobelins adornam as paredes. Nas estantes conservam-se codices de verdadeiro valor archeologico e historico. Nos arquivos estão todos os documentos comprovativos dos privilegios da Metropolitana de Compostella.

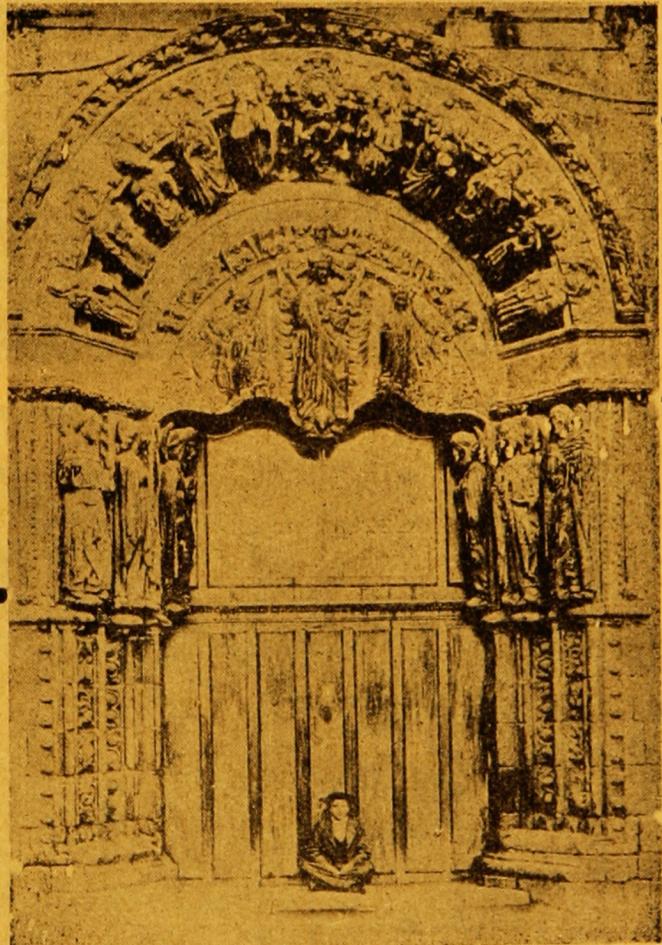
Um dos altarer é de jaspa finissimo. Mesas de agata ornam a biblioteca. Dois quadros, attribuidos a Murillo, estão collocados nos altares. As bancadas dos capitulares são forradas de veludo carmezim. O Sr. Conego Martin mostrou-nos uma caixa curiosa, elegantemente marchetada, que serve para os escrutinios.



Estatua de Santa Esculastica



Bota fumaris



Porta de S. Jeronimo

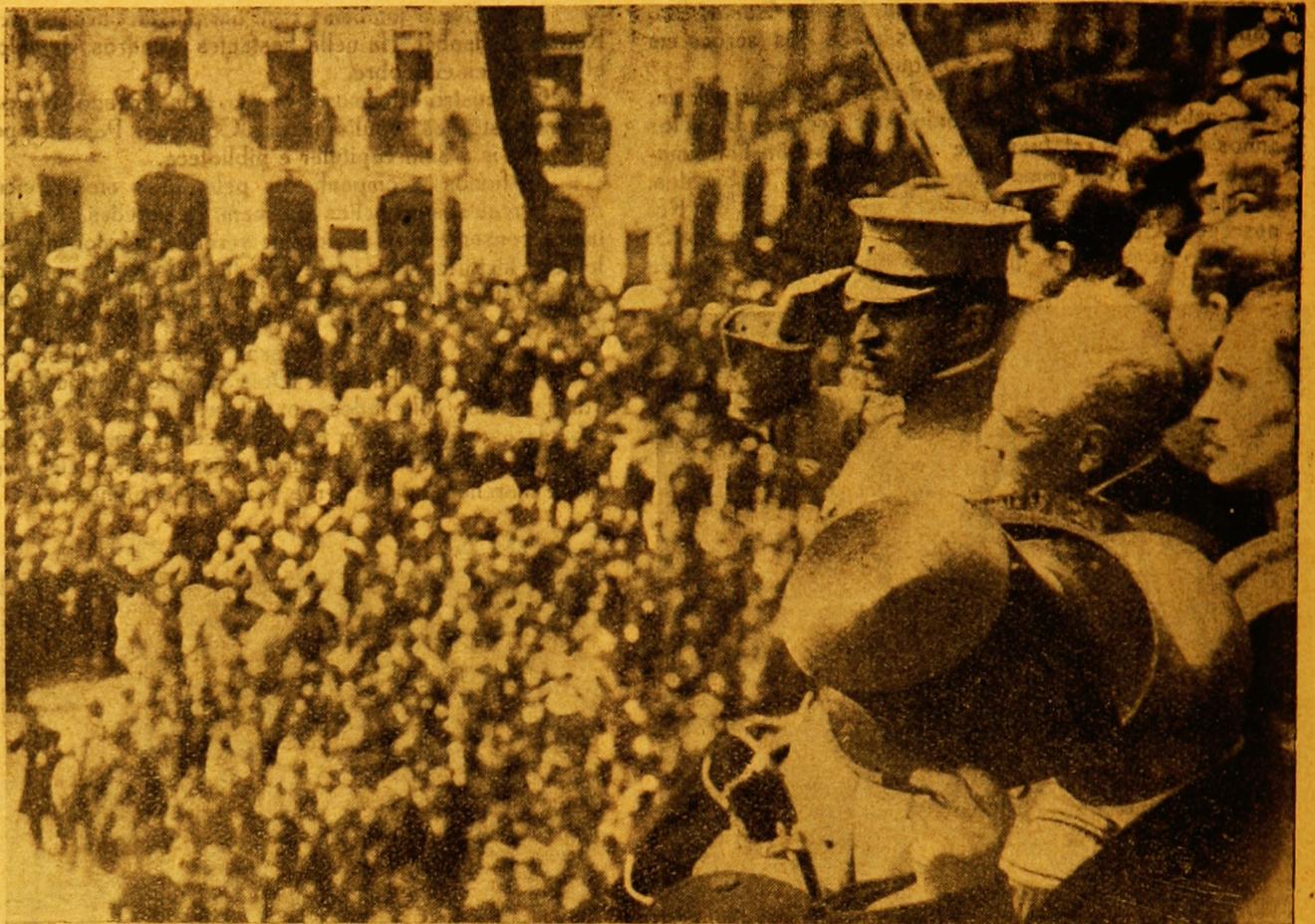
Ao terminar a visita S. Excia, fez favor de chamar a nossa attenção para um baixo relevo que está numa das janellas (no timpano) da parte esquerda do transepto. Parece ser do Sec. X. Representa um episodio da famosa batalha de Clavijo, em que, segundo a lenda, o apostolo S. Thiago appareceu armado de cavalleiro a combater contra os moiros.

Faltava-nos ainda ver a igreja subterranea, mas o cansaço e a penuria de tempo não nol-o permittiram.

(Continua)

Agnus.

PROCLAMAÇÃO DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA



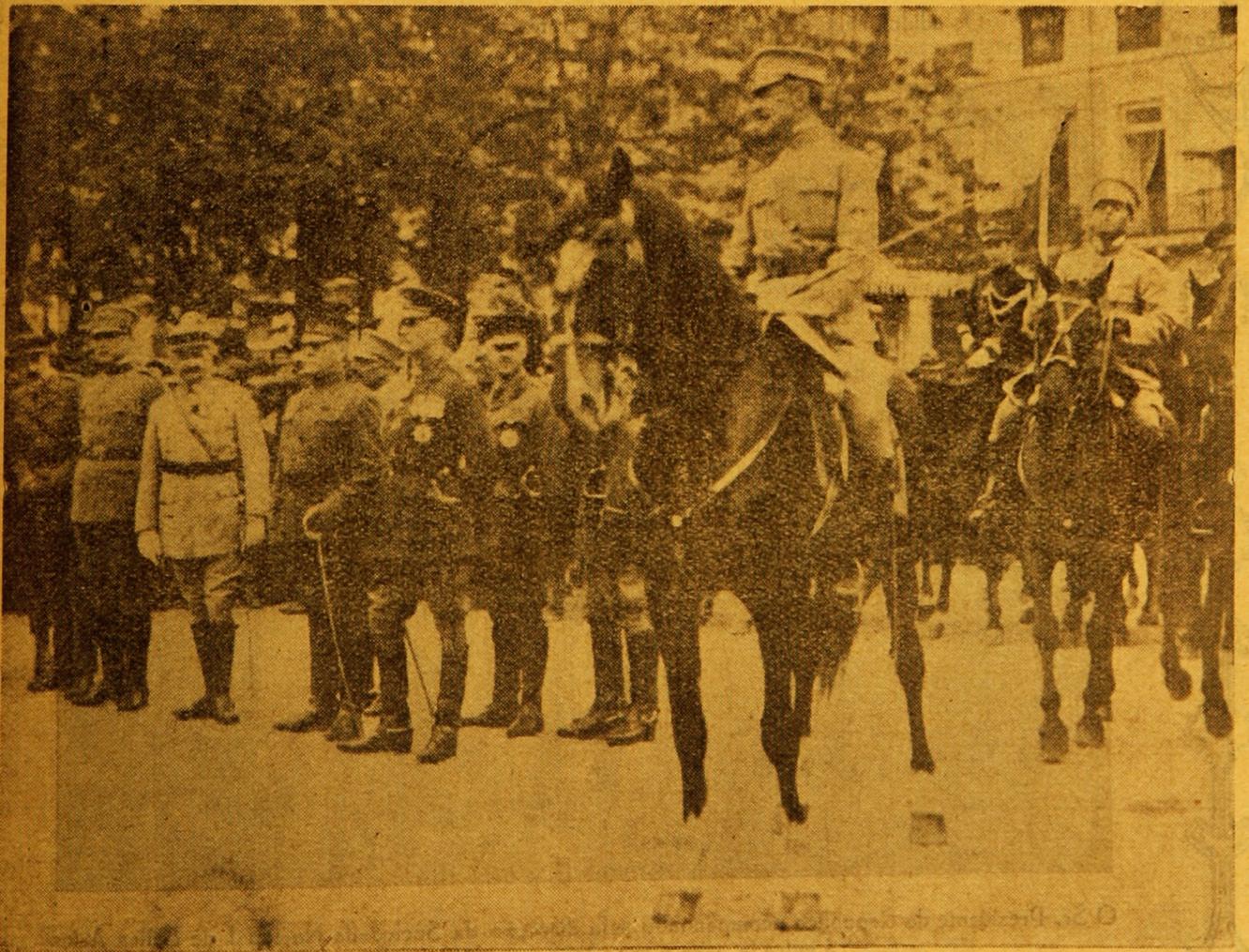
Snr. Presidente da Republica á janella da Camara, ecompanhado da vereação agradecendo a manifestação de que foi alvo



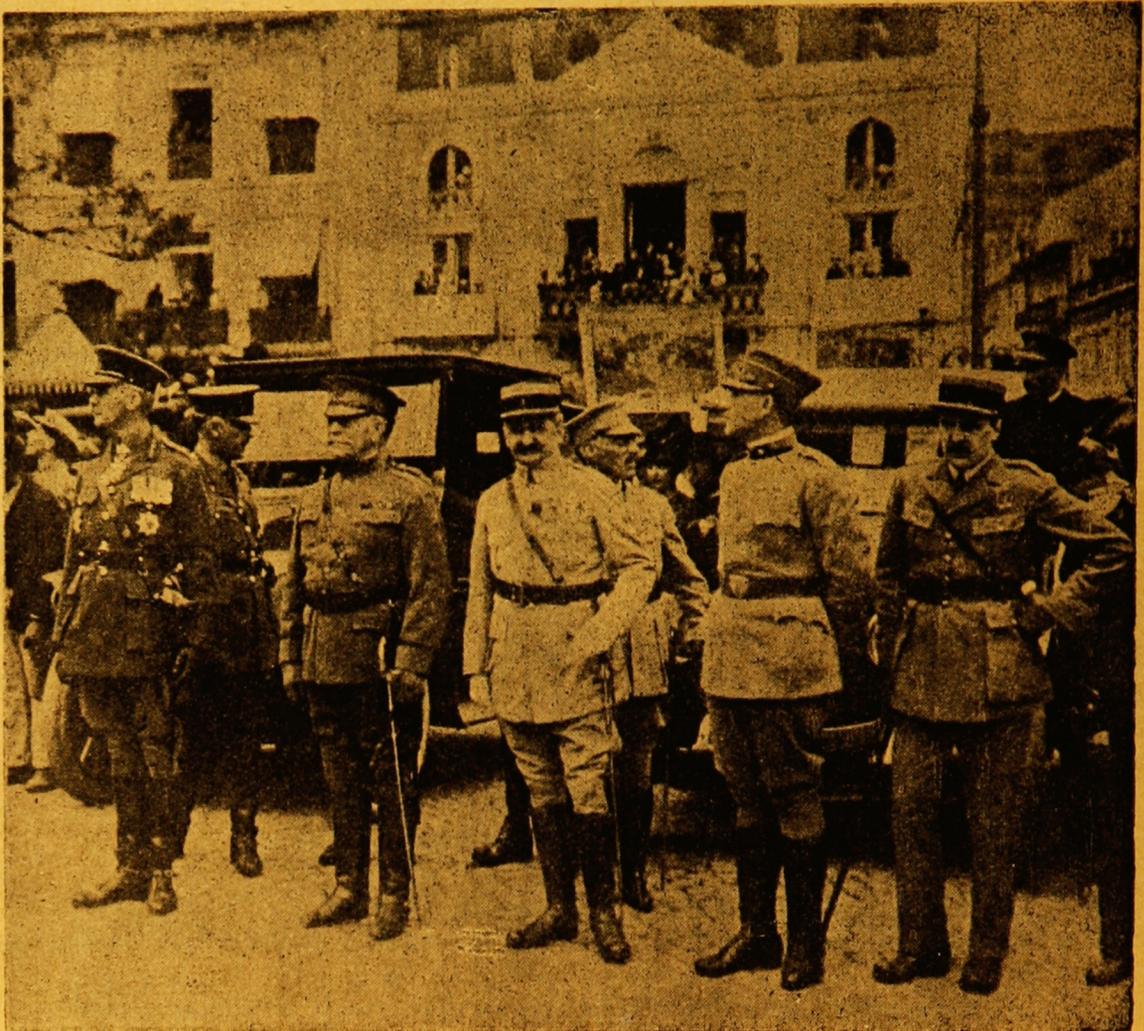
O Snr. Presidente dando um viva á Republica nova



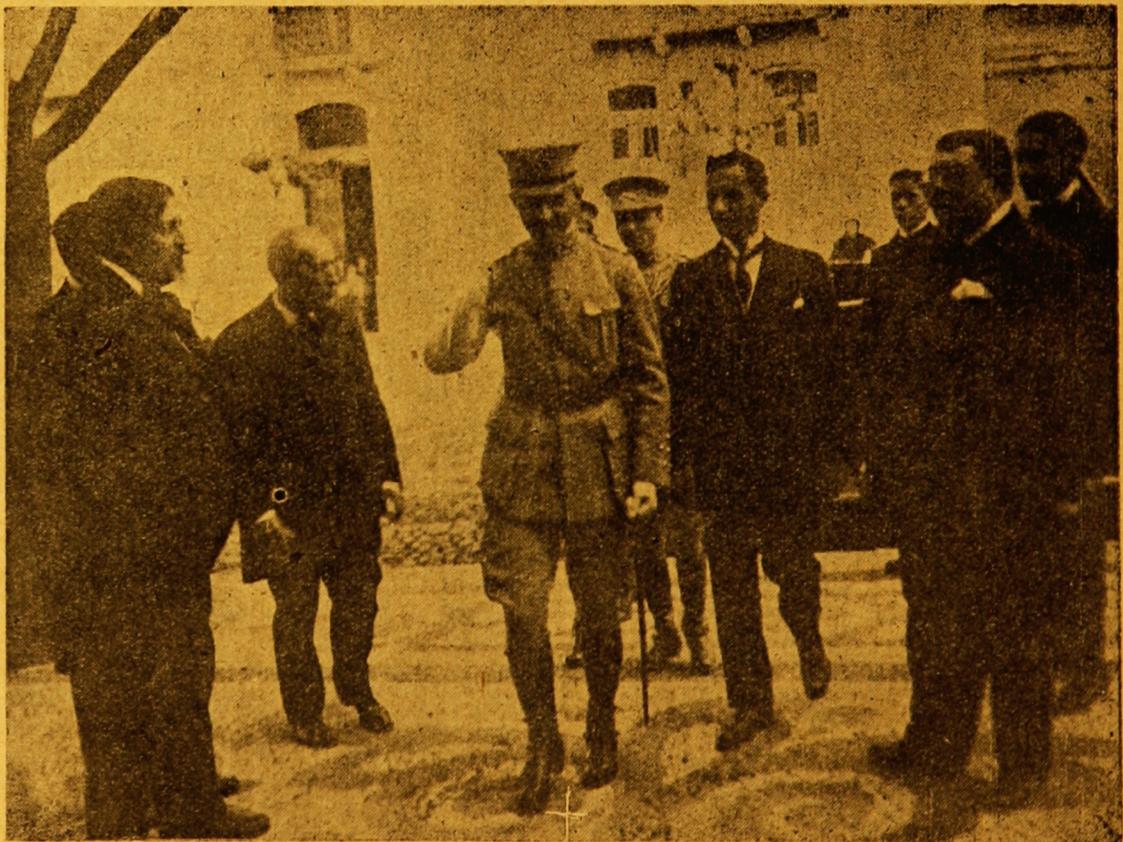
O Snr. Presidente da Republica dirigindo-se para a parada rodeado da multidão



O Snr. Pr. da Rep. na Avenida da Liberdade assistindo ao desfile das tropas, tendo á sua direita os adidos estrangeiros



Os adidos militares ingles, americano, francez e italiano assistindo ao desfile



O Sr. Presidente da Republica acompanhado pela direcção da Sociedade Nacional de Bellos Artes á entrada para a exposiçõ que ali se realizou

Phots. A. Franco



O general sr. Pimenta de Castro  
fallecido em 14 de Maio do corrente anno.

Em 14 de Maio do corrente 1918 falleceu em Lisboa o general sr. Pimenta de Castro, que desempenhou um papel notavel na politica portugueza nos ultimos annos. Militar brioso, teve uma carreira brilhante. Dando-se o movimento das espadas contra o ministerio Azevedo Coutinho, o snr. dr. Manuel d'Arriaga, então Presidente da Republica, chamou Pimenta de Castro, ao ministerio, e sob o seu governo, a Nação teve uns mezes de sossego. A 14 de Maio, 1915 porém, dava-se uma revolução, e os democraticos subiram ao poder, desterrando o general patriota. Agora, voltando já á Patria por motivo da segurança publica que gozamos, sobreveio-lhe a terrivel cyrrhose. Entrou para uma casa de saude onde foi operado, exactamente no dia anniversario da Revolução. Correu bem o trabalho cirurgico, mas horas depois, uma syncope cardiaca terminava a sua vida terrena, para começar a eterna, na qual esperamos que Deus fosse misericordioso para a sua bella alma, por cujo eterno descanso fazemos ao Senhor supplice oração.

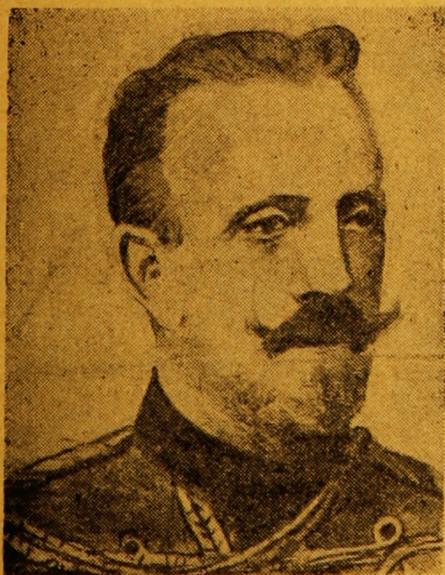
## AO LEITOR

Depois de lida enviar esta revista á *Junta Patriotica do Norte*, (Paços do Concelho — Porto) a fim de esta a mandar para os nossos soldados do «front».

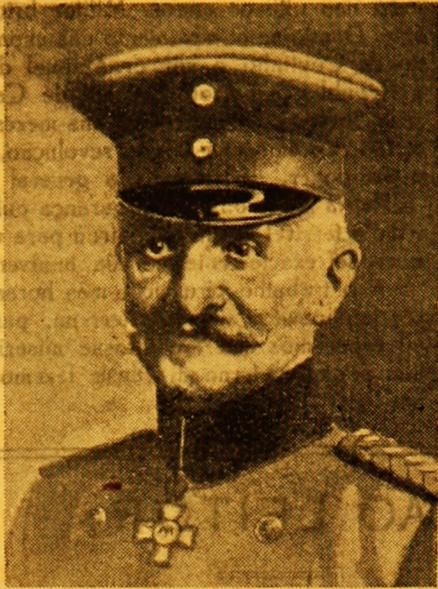
A *Illustração Catholica* querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes, mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus Ex.<sup>mos</sup> assignantes, collaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias destes herois as suas fotografias para aqui serem publicadas n'uma pagina a isso só destinada.

Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.

# Guerra Europeia



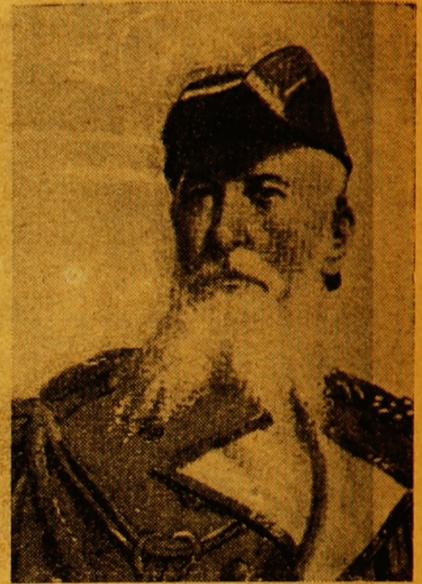
Os gran duques russos Nicolau Nicolaiewitch e Alexandre Michaelovitch  
prisioneiros dos allemães.



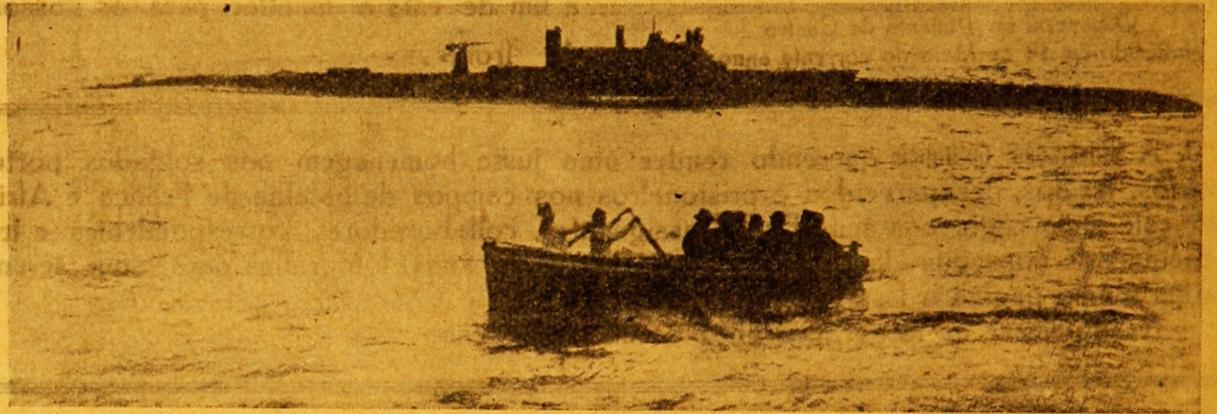
O general allemão von Below que lucha com as suas tropas em Bapaume.



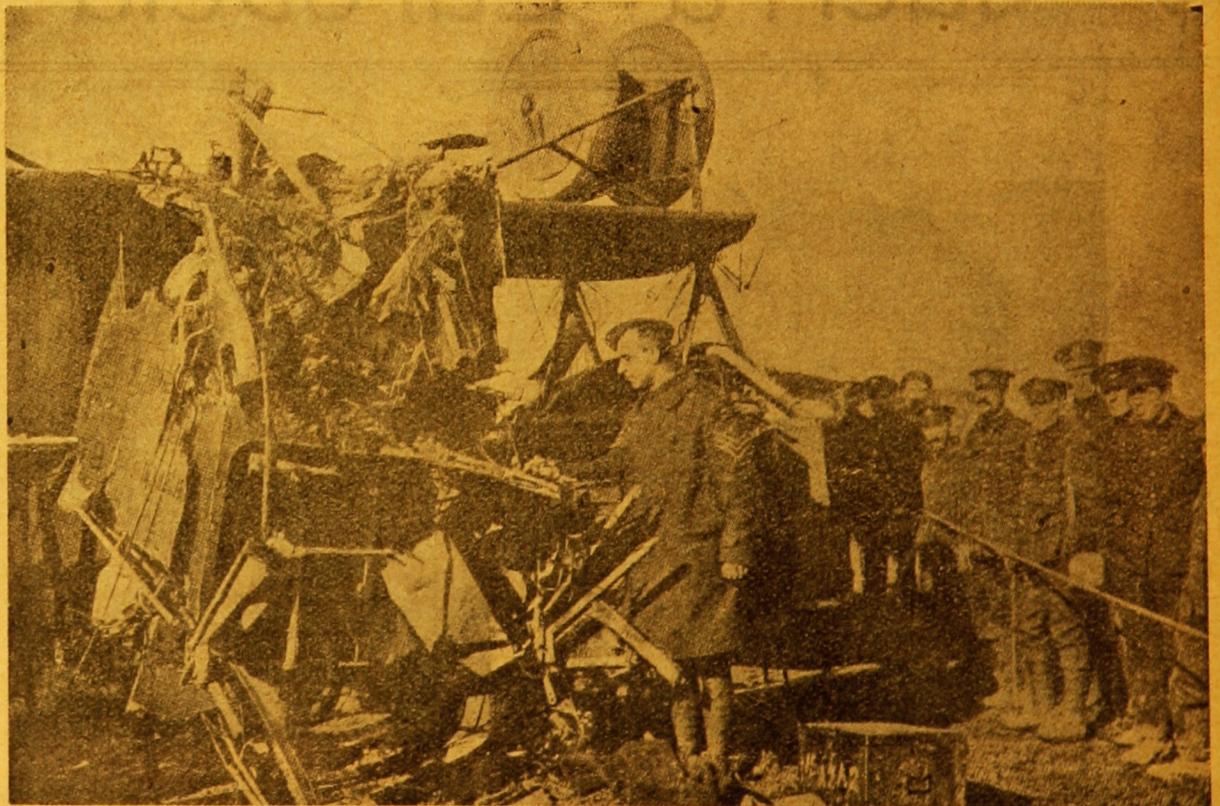
O imperador Carlos da Austria que teve uma conferencia com o *Kaiser* no quartel general allemão.



O almirante allemão von Tirpitz chefe da esquadra allemã.



Tripulação d'um submarino francez desembarcando na base.



Um aeroplano allemão abatido.

# FRATERNIDADE

POR JACINTHO BEMAVENTE

... **D**EPOIS de comerem juntos, saboreando exquisitos cigarros, entre sôrvos e sôrvos de *cognanc*, estendidos com indolencia sobre um divan da sala de fumo, conversavam com carinhosa intimidade Frederico Murêda e Manuel Castrojeriz, socios meio pensionistas do aristocratico *Sport Club*, onde ambos passavam, senão a melhor, a maior parte da sua vida.

—Que pensas fazer esta noite? perguntou Manuel ao seu amigo, tirando ao mesmo tempo o relógio. Já são nove e meia. Dizem que sou eu que te entretenho, e apesar de tudo ficar a dentro de portas...

—E' que tua irmã não concebe que aqui passemos ambos horas e horas a falar... Pensa, pelo menos, que jogamos?

—Pelo menos?  
—Outras coisas pensará ella; mas não se atreve a dizel-as.  
—Não. Nem as diz nem as pensa: Emilia é muito innocente. Ides casar-vos, sois noivos ha dois annos, e a pobresita julga que um noivo... é uma noiva. Já vês, a unica coisa que algumas vezes lhe occorre perguntar-me é se serias capaz de ter outra noiva, e se o sei.

—Que graça! E tu que lhe respondes?  
—Nada. Que só se tem uma noiva. Pobre Emilia! Sabes, Frederico, que me deu agora para querer ciosamente a minha irmã?... Dá-me pena.

—Porque se vae casar commigo?  
—Comtigo ou com outro qualquer. Seria a mesma coisa.

—Mas crês, porventura, que eu não quero a tua irmã!

—Sim, sim. Queres-lhe muito, muito, bem sei. Eu que conheço a tua vida a fundo, estou certo de que muito lhe queres. E (o que são as coisas!) se ella soubesse a metade do que eu sei... não se casaria contigo; é isto que me dá pena. Porque eu tenho razões para crêr que lhe queres, e ella ainda mais teria para o não crêr; e senão diz-me: onde estiveste esta tarde?

—Comtigo.  
—Sim... Está descansado. Não direi nada.

—Fois então não me faças perguntas. Já sabes que antes de me casar com tua irmã tudo hade acabar; mas assim... de repente... Tu bem sabes...

—Já sei, já sei que Henriqueta é um *Crampon*. Mas se se empenhar tanto em não se desprender de ti, nem n'esmo depois de casado?

—Desligo-me eu. Mas um rompimento não se improvisa. Certa especie de relações escandalisam mais quando terminam do que quando começam.

—Lembrei me agora d'uma coisa.  
—De quê?

—Já viste *D. Joan Tenorio*?  
—Creio que sim; e até em ópera.

—Recordas-te de quando *D. João* vence a *D. Luiz de Mexia* para lhe roubar *D. Anna de Pantoja*? *D. Luiz* dá um grito, mas de *D. Anna* não se sabe que dissesse «essa bocca é minha».

—Ah! sentes-te *Tenorio*?  
—Se *Mexia* não se incommoda!... Porque por *D. Anna* respondo eu.

—Quem sabe?

—Não sejas vaidoso. Fique certo que me sacrifico por minha irmã... e por ti... Pura fraternidade. Que tens que dizer a isto?

Nada. Tudo fica entre nós. Rapaz, são dez horas. Vens até ao *Hespanhol*? Preciso de que me desculpes.

—Estás desculpado. Emilia sabia que jantaríamos juntos. Até amanhã.

Emilia Castrojeriz e Rosario Murêda, acompanhadas por *Miss* Cowley, respeitavel professora da segunda, conversavam animadamente, senão de mãos dadas, com as mãos sobre os seus lavôres, ocioso pretexto de interessantes confidencias.

*Miss* Cowley, com as lagrimas nos olhos, lia n'um *magazine* inglez uma lastimosa estatistica dos cavallos mortos em todas as guerras do seculo. Uma hecatombe. *Poor horses!* pensava a sentimental professora, commovida nas fibras mais profundas dos seus sentimentos. Emilia e Rosario falavam a meia voz com viveza, sacudindo as palavras.

O que mais me a'egra, dizia Emilia, quando penso em que vou casar-me com teu irmão é que nós, as duas, seremos irmãs e como irmãs viveremos sempre. Se fôsse possivel uma coisa...

—Não digas. Isso é pedir uma alma igual á minha. Não tenho par.

—Tontinha! Já sei que não gostas de Manuel; já sei que por tua vontade nunca seríamos irmãs. E alegro-me com isso, comquanto elle seja meu irmão; Manuel não é como Frederico. Se Frederico fosse como elle, dir-mo-hias, não é verdade? Promettemo-nos defender-nos. Recordas-te da nossa alliança em Biarritz?

—Então não hei-de recordar-me? *Pepita* Moncada tambem entrou n'ella.

—E atraçoou-nos.  
—Deus castigou-a. Olha o que dizem do marido.

—Horrores.  
—Pois nós bem a avisamoso,

—E não fez caso de nós... Mal andou. Entre nós não pode haver más intenções.

—E' claro. Eu disse-te que não fizesses caso de meu irmão e era meu irmão. Tu disseste-me que Frederico era muito bom rapaz, e por isso caso com elle. Se alguma coisa soubesses...

—Se a soubesses, dir-t'o-hia.  
As duas amigas beijaram-se efusivamente.

*Miss* Cowley por cima da revista dirigiu-lhes um olhar severo.

—*Don'tkiss so noisely.*

La Frederico a sahir do seu quarto, quando Rosario o fez parar ao pé da porta, de repente.

—Temos que fallar.  
—De que assumpto?

—Hoje esperavas uma carta... e não recebeste. Por isso estiveste de mau humor todo o dia

—Como o sabes?  
—Sei-o... porque a carta está aqui...

—Aberta?... Menina! E quem te mandou?... Dá-me essa carta.

—Não te exaltes. Eu precisava de saber o que sei... e não tinha outro meio. Agora ouve. Vais casar-te com uma creatura angelical, e vais casar-te porque queres. Ninguém te obriga a isso; és homem. Também te não casas por interesse... Por que te casas então?

—Estás tola? Que é que te deu pela cabeça? Pareces uma creança malcreada...

—Como queiras. Mas advirto-te d'uma coisa. Se não quebras as relações com essa mulher, se ao casar, enganas Emilia, mandarei esta carta ao marido de Henriqueta... Não, não a largo, é minha!... Pois que pensavas?

—Mas... que estás a dizer? Que é isto?

—Já o ouviste.

—Dá-me, dá-me essa carta!... Ordeno-t'ó... Sou teu irmão!

—Sim, és meu irmão... Mas eu sou mulher, e como mulher sou mais irmã de Emilia do que ti... E como irmã, defendo-a e amparo-a. Não o esqueças!

E guardando a carta no peito, sahiu do quarto de seu irmão, que ficou aturdido, sem dar tento ainda do que acabára de ouvir...

Tradução de F. d'Almeirim.

## Nossa Senhora de Lourdes

Senhora de Lourdes, do manto celeste  
E mystico olhar!  
Tua gruta linda, que a arte reveste  
De encantos sem par,  
Parece que a vejo, galera a remar  
Por sobre este mundo de infamia e de peste,  
Por sobre este mundo de espuma e luar.

Bem sabes, ó Virgem, os dias saudosos  
Em que eu tive o lar  
Junto aos pinheiraes pifforescos, formosos,  
Que dão tão bom ar!  
Como eu te pedia, a chorar e a rezar,  
Por mim e por todos os mais desditosos  
Nas urzes da terra e nas ondas do mar!

A grande Avenida, com seus eucalyptos,  
Lembrava um altar,  
Cada arvore um cirio, a emergir dos granitos,  
Incenso a voar...  
No chão tantas jarras de côr singular!  
Violetas silvestres, myosotis bonitos...  
Como elles sorriam, ao ver-me passar!

E á esquerda essa gruta em jardim feiliceiro  
Com agua a jorrar,  
Erguendo com graça o perfil d'um outeiro,  
Mirante a encarar  
A Quinta, as ramadas, jardim e pomar,  
De toda a Proença o dominio altaneiro,  
A casa imponente com eira e lagar...

E o caramanchão com a doce verdura  
Que nos faz scismar  
Na meza de pedra, que lisa e tão dura,  
A gruta a mirar,  
Parece fallar-nos, parece fallar  
De bellos fidalgos de boa est'ura  
Que fazem asylo do lindo solar.

Senhora de Lourdes, como inda me lembro  
D'um dia chorar,  
Se joelhos, no banco que, em vindo Setembro,  
Hade dar logar  
A's vindimadeiras que vão soluçar,  
Formosas, mas tremulas em cada membro,  
De tanto cantar e de tanto sonhar!

Senhora de Lourdes do manto celeste,  
Quero recordar  
Hoje, que esta vida é tão fumebre e agreste,  
Quasi falta d'ar,  
O que Tu, ó Virgem de mystico olhar,  
Na Gruta, em Proença, piedosa disseste  
A' minha agonía, um soluço a rezar...

Ouvia-se ao longe, jovial tagarella,  
Um cuco vulgar.  
E dentro em mim triste fervia a procella  
Da alma a penar,  
Saudades e lágrimas, tudo a brotar  
Do meu coração, navegante sem vela,  
Do meu coração, naufragado no mar.

Dos entes amados chorava essa ausencia  
Que faz delirar...  
Senhora, bem sabes como a confidencia  
Chegava a moçar...  
Como ella rugia e pungia a arquejar,  
Como era torrente de dor e demencia,  
Como era uma supplica e um brado a clamar,

E pedi por todos, por homens, senhoras,  
Que sabem amar,  
E por almas negras e vis e traidoras,  
Que vêm diffamar  
Quem tem por destino soffrer e cantar,  
Receber só trevas, sonhando as auroras,  
Viver no escarceu, e anhelando o luar.

Pedi pelos fortes e pelos enfermos,  
Por fel e manjar,  
Pedi pelos tristes que adoram os êrmos,  
Pelo nenuphar,  
E até pelas viboras sempre a lançar  
Venenos subfís para todos morrermos  
De dor que allucine e não deixe salvar.

E então tu diseste no olhar amoroso,  
No angelico olhar:  
—Resigna-te e soffre! Que a Dor seja um gozo  
Do espirito a voar!  
Toda a alma é uma Noiva que em seu caminhar  
Procura na Cruz a ternura do Esposo,  
Procura na angustia a belleza do altar.

Cruéis phariseus e sicarios e vis,  
A uivar e a infamar,  
Ensinam-te a calma, que leva ao Paiz  
Das almas sem par,  
A' custa da Dor que parece matar,  
A' custa da mazua que o mundo maldiz,  
De muito soffrer e de muito chorar.

# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

*Esculptura em Madeira*

—E—

PINTURA

*Teixeira Fanzeres*

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

*Preços modicos*

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia

Luzo-Brazileira de Seguros

# SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião

19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:

C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo

de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Gabriel Maia

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)

# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>o</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**